



807283

Antonio Carlos Machado



18 de junho

Palavras proferidas no Auditorium "Tasso Corrêa" do Instituto de Belas Artes de Pôrto Alegre, na noite de 18 de junho de 1948.

Pôrto Alegre
1948

Á brilhante e ilustrada redação de "O NACIONAL",
muito cordialmente, Antonio Carlos M.

Rua Riachuelo, 1307 -- P. Alegre

A solenidade que as entidades culturais do Estado promoveram para o 80.º aniversário de fundação da "SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO" não é somente um ato de homenagem e um preito de reconhecimento aos seus homens e às suas realizações. E', além disso, o resgate parcial de uma dívida. Podem estar certos que essa dívida é da mais alta significação para o Rio Grande.

Não pretendemos realizar uma conferência, no sentido exato da palavra. Esperamos simplesmente proferir uma rápida palestra que terá alcançado a sua finalidade se contribuir para uma maior divulgação dos fatos e vultos da "SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO", organização modelar no gênero, afinada, em nome dos mais altos ideais, com o espiritualismo caracterizante do Século das Luzes, o século de Napoleão e de Victor Hugo.

Já é sedição dizer-se que vivemos numa época eminentemente dispersiva. Ao simples bom senso é evidente que o fato nada tem de singular, dado o caráter utilitário da civilização contemporânea. O que nos interessa aqui, no entretanto, não é falar do pragmatismo moderno, fenômeno já dissecado por Wil Durant. Também em que os tempos atuais se diferenciam dos tempos idos não é agora o caso de discutir. Quasi cem anos atrás, Adam Smith, o solitário de Kirkcaldy, investigando a posição do indivíduo em face da coletividade, reconhecia a preposição agostiniana de que a parte e o todo são, de certo modo, uma mesma cousa.

E realmente. E' bem de ver-se que o homem, por mais individualista que seja por princípio ou por temperamento, não pode se subtrair totalmente à influência do meio social. Há, sempre, um mínimo de interesses correlatos e de aspirações homogêneas a argamassar as relações inter-individuais e a projetar-se, como fator de coesão, no torvelinho dos episódios cotidianos.

Acresce que as forças materiais, como pondera Leon Say, não são as únicas a concorrer para o progresso, por que há uma outra força que se chama a força humana, confundindo-se com a alma e a inteligência do homem. Felizes os indivíduos ou as coletividades que podem na agitação febril do momento presente efetuar a pausa que lhes faculta o exame das grandes realizações do espírito.

O que nos congrega e irmana, neste recinto, é um desejo comum. O de comemorarmos condignamente o 80.º aniversário de fundação da “SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO”. Há dias, tirando da estante um velho exemplar da sua revista, folheamo-lhe as páginas para colher o trecho que neste instante cái a talho de foice:

“Os alvaneis do PARTHENON eram apóstolos de uma crença.”

E' preciso que se saiba, na verdade: os artífices da “SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO” legaram aos pósteros um exemplo de idealismo verdadeiramente apostolar. Idealismo que nunca esmoreceu. Idealismo que soube ser pertinaz e paciente. Idealismo que não se cansou de esperar. Erasmo, o irônico gênio de Rotterdam, afirmou, certa vez, não sem malícia, que é sorte de toda paixão consumir-se a si mesma. O apaixonado, mas sadio, entusiasmo dos sócios do PARTHENON, no entanto, sempre se manteve tenso e palpitante.

Na hora em que rompiam a caminhada para transpor galhardamente os obstáculos iniciais, olhos postos na grandeza da tarefa extenuante a realizar, não faltaram, é certo, os indefectíveis Aretinos e as sempre inevitáveis vozes de Cassandra. Os construtores do PARTHENON, todavia, não lhes deram ouvidos. Seguiram, tranquilos e confiantes, o seu caminho. E seus esforços não redundaram em vão, pois, desde logo, conseguiram resultados apreciáveis que reduziram ao silêncio os recalcitrantes murrúrios do ceticismo. Acode-nos à citação, nesta altura, uma passagem oracular de Luciana de Abreu:

“Quando um dia a geração vindoura escrever a história literária do Rio Grande, o PARTHENON, se não der a sua página mais brilhante, dará, por certo, a mais rica de esforços e dedicação pelas letras.”

E'poca houve em que era comum atribuir-se ao PARTHENON uma importância restrita, um valor apenas circunstancial. Houve, mesmo, quem quizesse fazer “tabula rasa” da sua obra. Pouco importa que ainda esperemos que a severidade dos arquivos profira, em última instância, o julgamento definitivo do PARTHENON. O que dele já conhecemos com segurança anuncia que ele foi um movimento sem paralelo nos fastos da cultura brasileira. Elogiaram-n'o calorosamente Tobias Barreto, Silvio Romero, José Veríssimo, Franklin Tavora, José de Alencar, Cristiano Ottoni, José do Patrocínio, Araujo Pôrto-Alegre. Aplaudiram-n'o em Portugal, na Espanha, na Inglaterra, na Alemanha, na França e no Prata. As suas realizações, obedientes a planos pre-ordenados, ecoaram por todo o Brasil, arrastando, não raro, outras regiões do país no impeto da sua caudal renovadora.

Hoje sabemos, em grande parte, o que ele representou no progresso social e mental do Rio Grande, fora das competições pessoais e acima dos grupos, sem que lhe turbasse a visão a crítica fácil dos negativistas por sistema ou o desdém barato dos incapazes, buscando, sempre, refletir a decisão firme e a manifestação coesa do seu rico e variado quadro associativo, constituído por autênticos intelectuais, por professores e jornalistas militantes. E' profundamente lastimável que pouco ou quasi nada se tenha feito até hoje no sentido de estudá-lo mais a fundo.

A condição precípua para uma nova época é a existência de interesses legítimos a satisfazer. Não basta, porém, que existam interesses insatisfeitos: é indispensável que eles sejam tais que possam atingir um elevado grau de generalidade. O despontar de instituições renovadoras em uma sociedade significa que uma etapa se encerra para ceder passo à outra que vai se inaugurar. Em 1868, as letras rio-grandenses requeriam uma espécie de reconstrução pelos alicerces. Os escritores da então Província de São Pedro, dispersos, apenas começavam a tomar consciência da sua missão. A “SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO”, depois de permanecer algum tempo em estado de latência, foi de encontro aos seus interesses, assumindo, de pronto, as proporções de uma entidade essencialmente reivindicatória e reformista, ante a força imperativa das circunstâncias, às quais não era estranha a coincidência de estar o Rio Grande empenhado, a despeito da Guerra do Paraguai, na extinção da escravatura, na propaganda das idéias republicanas e no combate ao analfabetismo.

E isso lhe foi fácil, tendo à frente um homem como Apolinário Pôrto-

Alegre, portador de uma reputação moral e intelectual salientemente prestigiosa, que vinha despertando esperanças bem fundadas nos meios culturais, políticos e pedagógicos da Província.

De uma modéstia franciscana e infenso, por indole, às posições de evidência, Apolinário Pôrto-Alegre, antes de aceitar a liderança do movimento, teve de vencer as mais legítimas relutâncias, não por falta de espírito combativo ou por cômoda esquiva. Submetendo-se, afinal, às injunções incoercíveis do dever e à força incontornável dos fatos, entre os quais o de ser genuíno representante da nova mentalidade surgida no Rio Grande e tolhido, por antecipação, qualquer motivo pessoal de escusa, o emérito polígrafo aceitou a incumbência de honra, não, pois, por impulso próprio, mas em obediência à vontade expressa e uniforme dos seus pares.

Tornou-se-lhe efetivamente obrigatório aceitar o bastão de comando como imperiosa intimação. Nem lhe era permitida outra atitude, chegado o momento em que lhe cumpria contribuir decisivamente para o maior fortalecimento e prestígio da literatura gaúcha.

Cremos que ninguém encontrará dificuldade em admitir a amplitude dos seus esforços em prol do ideal comum. Alcides Maya disse, com razão, que os homens do PARTHENON souberam construir, com nova mentalidade, um novo e vincado período para a inteligência rio-grandense. Cada um esteve no seu pôsto, entrosado em função precisa. Com aguda clarividência compreenderam êles que o florescimento das letras pressupõe vitalidade mental consciente; espelhando as condições sociais e culturais de uma época, não pode, portanto, ser desvinculado do meio em que se manifesta.

O que prevaleceu no PARTHENON foi, antes de tudo, a novidade de uma articulação de esforços até então impossível nos meios literários do Brasil. De começo houve quem supusesse que essa articulação seria efêmera. Logo se viu, porém, que estava assente numa sólida harmonia de vontades e de tendências. Daí a importância extraordinária que o envolve e lhe confere lugar de proeminência impar nos anais da cultura nacional. Com o seu advento, tomou a literatura rio-grandense um rumo definitivo no sentido de conduzir os seus cultores à realização de empreendimentos vários de indiscutível interesse.

E' de se reconhecer que até a época em que se iniciou o movimento partenonista a infra-estrutura das atividades mentais no Rio Grande do Sul, embora dotada de grande significação potencial, não permitia uma ação conjugada de real amplitude. E compreende-se hoje a impossibilidade total em

que se encontravam os escritores gaúchos para realizar empresa de monta. A criação do PARTHENON permitiu-lhes um contato mais íntimo, pois foi, desde logo, um poderoso agente de condensação. Aqui certamente encontrarão os ilustrados ouvintes motivos bastantes para meditações.

Por que o PARTHENON, depois de 25 anos de atividades intensas, cessou subitamente de existir? Onde repousa a causa desse fato? A razão desse colapso repentino e inesperado se encontraria na própria Revolução de 1893 ou poderia ser explicada pela rarefação do antigo espírito agremiativo? Parece-nos que ambas as causas têm de ser levadas em consideração.

Se atentarmos devidamente para as realizações do PARTHENON nos inclinaremos a apontá-las como das mais significativas já levadas a efeito no Brasil. Já houve algumas vezes que proclamaram a transcendência de muitas delas. Ao espírito do observador pouco avisado poderá sobrevir, no entanto, uma visão menos acertada da sua grandiosa obra. Está patente hoje, por exemplo, que não fôra o concurso do PARTHENON não se encontrariam os meios necessários de se obter a rápida propagação do ideal abolicionista no Rio Grande. Para dar uma idéia da extensão desse concurso basta dizer que foram os partenonistas os primeiros a promoverem, em nossa Pátria, alforrias coletivas e libertações em massa.

Não nos precipitemos, porém. O exame sumário das realizações do PARTHENON é suficiente para mostrar que êle foi, na verdade, um cometimento de proporções invulgares. Cada uma teve as suas consequências. Cada uma atingiu os fins colimados. Não pretendemos, é óbvio, entrar em pormenores, dada a patente extensão da matéria, que transcende do terreno exclusivamente literário, donde, pois, o cuidado que se lhe deve dedicar.

Felizmente, o Parthenon é um dos assuntos dominantes do momento entre os intelectuais gaúchos. Se por um lado há a certeza de que êle foi uma estupenda mobilização de idéias, não menos certo é que apresenta nomes e fatos dignos do mais cuidadoso estudo. Analisando a sua admirável história, observa-se que, ao contrário do que seria para supor, ela teve uma atuação essencialmente cultural. Há exemplos bem ilustrativos da influência decisiva que exerceu sobre a expansão das letras rio-grandenses. Verifica-se daí que se trata, realmente, de um empreendimento de grande vulto, cuja importância não pode ser relegada para plano secundário, estando, ao inverso, a reclamar atenção muito especial por que, de certo, do seu exame acurado

depende, em última instância, a fixação do verdadeiro valor da literatura estremenha no século XIX.

Faz-se, destarte, imprescindível e urgente realizar um grande esforço de pesquisa em torno dos seus principais aspectos, de sorte a ganhar-se o atrazo que se observa a êsse respeito, para colocar finalmente tão notável cometimento na merecida situação de destaque.

As sessões preparatórias para a fundação do PARTHENON tiveram lugar na própria residência de Apolinário Pôrto Alegre, à Rua Nova, esquina da antiga travessa Itapirú. Elaborados os estatutos por uma comissão especial, de que fizeram parte, entre outros, José Bernardino dos Santos, Caldre e Fião, Manoel Pereira da Silva Ubatuba e Hilário Ribeiro, foi êle inaugurado solenemente no dia 18 de junho de 1868 na séde da então popularíssima sociedade musical "Firmeza e Esperança", à rua de Bragança. Iniciados os trabalhos pelas partes mais importantes do programa estabelecido, os presidentes se sucederam sem quebra, no entanto, do esquema original, baseado nos seguintes pontos fundamentais:

- 1) Criação de uma biblioteca, dividida em três secções: internacional, nacional e regional;
- 2) Instituição de um museu de botânica, mineralogia, arqueologia, numismática, História, zoologia e ictiologia;
- 3) Estabelecimento de aulas noturnas;
- 4) Fixação de um plano de manumissão gradual do elemento servil;
- 5) Publicação de uma revista;
- 6) Realização de conferências públicas;
- 7) Sistemático estímulo ao teatro, à música, à declamação e à outras manifestações artísticas;
- 8) Participação ativa na propaganda republicana e na educação cívica do povo;
- 9) Efetivação de saráus e "matinéés", tendendo principalmente a estimular o gosto das artes e das letras e a multiplicar os seus cultores.

A idéia de um edifício próprio para o PARTHENON foi sugerida por Caldre e Fião que, desde logo, ofereceu, para a concretização da mesma, um amplo terreno da sua propriedade sito na chamada Estrada de Mato Grosso. Depois dos estudos técnicos indispensáveis, foi ultimado um belo projeto inspirado no célebre Templo de Minerva de Atenas, templo êsse construído, como se sabe, no Século de Pericles, em estilo dórico periptero. A festa do lançamento da pedra fundamental, a 9 de novembro

de 1873, revestiu-se de excepcional brilho, a ela comparecendo o próprio presidente da Província, o Chefe de Polícia, o bispo diocesano, além de outras altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Usaram da palavra, assinalando o significado do ato, Aquiles Pôrto-Alegre, José Bernardino dos Santos, João Damasceno Vieira, Lavre Pinto, Ulisses Cabral e Apolinário Pôrto-Alegre. O local escolhido para a pericleana séde do PARTHENON, além do seu natural encanto virgiliano, apresentava excelente topografia, dominando sobranceiramente as ruas Felipe Nery, Afonso Marques, 18 de Junho e Caldre e Fião, as primeiras, aliás, abertas pelos partenonistas para a fundação do seu "arraial" ou bairro.

Dificuldades materiais de toda ordem não permitiram a construção do projetado edifício. Em 1885 foi a idéia retomada. Considerando, todavia, a distância do primitivo local, foi decidido executá-la numa rua central da cidade ou seja à rua Riachuelo, num terreno espontaneamente oferecido por ilustre dama, cujo nome, até hoje, constitui uma incógnita desafiadora. No dia 10 de janeiro daquele ano, às cinco horas da tarde, na presença ocasional de SS Altezas a Princesa Isabel e seu Augusto Consorte, o Sr. Conde d'Eu, teve lugar a cerimônia, simultaneamente sóbria e tocante, do enterramento da primeira pedra do prédio a ser erigido pelo PARTHENON, já agora com o auxílio do Centro Abolicionista, para "a educação do povo e o culto das letras". Como da primeira vez, o projeto não pode ser convertido em realidade...

A sonhada séde helênica jamais seria erguida pelos Sansões do PARTHENON. Restar-lhes-ia o consolo de que nenhuma outra iniciativa mergulhou ainda raízes mais fundas no chão mental do Rio Grande.

Não ocupamos esta tribuna, como dissemos anteriormente, para uma conferência, mas para um depoimento que traz ainda o calor de pesquisas recentes. Oferecemos esclarecimentos e informações afim de que os ilustrados ouvintes, por si mesmos, julguem o herculeo esforço desenvolvido pela "SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO" em prol da evolução social e cultural do Rio Grande, causa em que, hoje como ontem, nos achamos todos empenhados, parte ativa que somos do grande todo nacional.

